

SEI QUAL É O MEU LUGAR

Boh Welch Na Revista Moody [Melancólico]

O fotógrafo e eu saímos em uma tarefa de três dias para o jornal- agora tínhamos a rodovia à nossa frente e havíamos deixado nossa casa para trás.

Nós nos dirigíamos ao desfiladeiro de Columbia, onde o rio Columbia entalhou um caminho cerca de um quilômetro e meio de largura entre Washington e Oregon. Esse era o local que windsurfistas de todos os cantos do país escolheram para dançar na crista das ondas criadas pelos "ventos nucleares", e onde eu estaria longe dos compromissos massacrantes do horário comercial, prazos e rotinas, dos pequenos afazeres - pagar as contas, levar a roupa para a lavanderia, buscar o filme revelado etc. -, de ter de empurrar as crianças para o treino de beisebol e de certificar-me de que não esquecera as meias no chão do quarto.

Sinceramente, a despedida não fora nada agradável. Nossa família estava passando por uma crise financeira, e estávamos quase a zero. Nosso carro de 1981, já bem velho, dava sinais de desgaste. Estávamos todos cansados, irritados e, um tanto enfraquecidos espiritualmente.

Meu filho de oito anos tentou nos animar com sua versão desafinada de uma canção do musical Annie: "O sol nascerá amanhã, aposte seu último tostão que amanhã teremos sol."

Não funcionou.

Eu estava ocupado, arrumando minhas coisas para a viagem; minha esposa, Sally, estava inquieta, pois para ela meus três dias de liberdade significariam três dias de responsabilidades extras.

- Papai, você vai assistir à apresentação de canto da minha classe quinta-feira à noite? - perguntou-me Jason, meu filho de oito anos, em meio à confusão de minha partida.

Bill Cosby faria uma expressão engraçada e diria:

- É claro que sim! - e todos viveriam felizes para sempre.

No entanto, naquela manhã, eu não me parecia em nada com Bill Cosby.

- Desculpe-me, mas estarei fora da cidade - disse-lhe eu.

Após dar um beijo rápido em Sally, parti. Agora, algumas horas mais tarde, eu estava bem longe de minha família - distante da confusão, dos narizes escorrendo e da exigência de doar meu tempo a eles.

O fotógrafo e eu, enquanto estávamos na estrada, conversávamos sobre nossa vida particular. Ele tinha aproximadamente a mesma idade que eu - cerca de 35 anos - era casado, mas não tinha filhos.

Contou-me que ele e a esposa visitaram recentemente o desfiladeiro. Demorei a reagir ao que ele acabara de falar, pois fora surpreendido por algo - ele e a esposa? Lembrei-me vagamente como era viajar somente com a esposa. Zarpou sempre que desse na cabeça. Sem pedidos para andar a cavalo bem na hora em que você está pronto para desmaiar a noite toda de tanto cansaço.

Sem quartos tão bagunçados, onde mais parece que um furacão passou por ali do que crianças cheias de vida. Sem reunião de pais e mestres à noite.

Além de não ter filhos, o fotógrafo não tinha de deparar-se com batatas fritas que estavam no piso de seu carro havia mais de seis meses, nem com figurinhas do Super-homem no painel do carro e, tampouco, com mapas de estradas em que praticamente um Estado inteiro fora suprimido por uma barra de chocolate derretida sobre ele.

Nos dois dias seguintes, apesar da ameaça de chuva, exploramos o desfiladeiro: escarpas de basalto que se erguiam a 300 metros de altura acima do rio Columbia, onde pranchas fluorescentes, semelhantes a mosquitos de néon, entalhavam um rastro na água.

A terra e a água eram intrigantes, e os windsurfistas também.

Havia milhares deles, quase todos nascidos no período de prosperidade econômica, entre 1946 e 1965. Eles acordavam tarde, ficavam o resto do dia na água, e aproveitavam a noite na cidade.

Praticamente, de cada quatro carros, um tinha bagageiro. As placas de carros de todas as partes do país pontilhavam as ruas.

Alguns desses carros com bagageiros pertenciam a pessoas de espírito livre, que viajavam ao sabor do vento e moravam na van; outros pertenciam a yuppie bem estabelecidos, que ali estavam apenas para passar o fim de semana ou as férias.

Observar esse grupo era como descobrir uma velha tribo.

Enquanto eu estava ocupado em minhas tentativas de consertar correntes emperradas de bicicleta, meus companheiros de geração apertavam-se, ao som do rock, em danceterias noite após noite.

Enquanto eu gastava meu salário em compras de supermercado, em contas do ortodontista e em fundos para a universidade, essas pessoas apenas tinham de decidir a cor da prancha de windsurfe que compravam.

Onde eu errara?

Em nossa última noite no local, o tempo ainda continuava nublado, o que aborrecia o fotógrafo, assim como espelhava o estado de espírito que se abatera sobre mim. Nós dois precisávamos da luz do sol, mas por razões distintas.

Quando, da janela do pequeno hotel, olhei o rio abaixo, senti um vazio, como se fosse uma pessoa totalmente deslocada, desambientada. Eu não pertencia a esse cenário. Nem à minha família.

Nem a lugar algum. À medida que o vento do desfiladeiro batia no rio, formando cristas brancas, o vento da liberdade também golpeava minha crença. Deus. Casamento. Filhos. Trabalho. Eu ancorara minha vida nessas convicções, mas parecia que elas estavam escapando pelo vão de meus dedos.

Será que eu cometera algum engano? Será que os limites das Escrituras se haviam tornado uma prisão que me sufocava? Será que eu me vendera ao rigor de minhas responsabilidades? Algum dia, quando estivesse mais velho, será que me depararia com a dura realidade do arrependimento por não ter vivido ao sabor do vento?

Eu já estava me arrumando para ir para a cama, quando vi um cartão em minha mala, enterrado embaixo de minhas roupas. Era da Sally. Vacas

enfeitavam o cartão - a queda de minha esposa por bovinos - e as palavras ali eram breves e simples: "Eu o amarei até que as vacas voltem para casa".

Olhei o cartão por alguns instantes. Repeti as palavras.

Observei a mesma caligrafia que vira em cartas de amor trocadas na universidade, na certidão de casamento, em dois registros de nascimento e em um testamento. E, nesse momento, algo dentro de mim se enterneceu. A promessa de minha esposa penetrou em meu coração endurecido, levando-me a refocalizar minha perspectiva esvaecida. Em um instante, eu sabia exatamente qual era o meu lugar.

No dia seguinte, após duas horas de entrevistas, seis horas em um carro e uma corrida de três quarteirões, cheguei à escola de meu filho, ansioso e ofegante. A apresentação de canto começara havia 20 minutos. Será que eu perdera a canção de Jason?

Corri até a lanchonete. Estava abarrotada. Quase freneticamente, abri caminho entre a multidão de pais que obstruíam a entrada do local onde eu poderia ver de relance as crianças no palco. Foi nesse momento que eu as ouvi: 25 vozes de crianças do primeiro ano tentando alcançar as notas que só seriam capazes de alcançar dentro de cinco anos.

O sol nascerá amanhã, aposte seu último tostão que amanhã teremos sol...

Meus olhos buscavam Jason nesse grupo de crianças.

Por fim, consegui vê-lo: na fila da frente, como sempre, espremido entre duas meninas, cujos gergens, a julgar pela expressão dele, estavam se arrastando sobre ele como formigas em um piquenique. Estava cantando, mas com menos entusiasmo do que quando tinha de arrumar seu quarto.

De repente, seus olhos viraram para a minha direção, e sua face se iluminou com aquele sorriso que um pai apenas vê em uma apresentação na escola, quando os olhares de pai e filho se encontram. Ele me vira, um momento que estará para sempre registrado em minha memória.

Mais tarde, em um mar de faces, avistei Sally e meu outro filho. Depois da apresentação, em meio a uma massa de pais e filhos, nós quatro nos encontramos, indiferentes à comoção que nos cercava. Não senti vazio algum, somente a união, a sensação de pertencer.

Nos dias que virão, retomarei minhas funções: consertar bicicletas, trabalhar em período integral, ser professor da Escola Dominical e marido - papéis que podem fazer um windsurfer bocejar.

Mas decidi que trocaria de bom grado algumas coisas: toda a liberdade temporal que encontraria ao deslizar ao longo do rio pela liberdade eterna de um Deus fiel; todo o luxo do interior de um carro impecável pelo sorriso de meu filho de oito anos ali na primeira fileira; o modo de vida livre do desfiladeiro de Columbia pela responsabilidade de cuidar da mulher que prometeu me amar até que as vacas voltem para casa.

Um casamento feliz é a união de dois bons perdoadores.

ROBERT QUILLEN